

# Notícias de Barcelos

Director—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração

LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8  
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MARINHO

Telefone 123—BARCELOS

## A Revolução da ordem

**POR QUÊ E PARA QUÊ** uma greve revolucionária?!

Porquê? Porque a determinados elementos convem usar de todas as armas, recorrer a todos os processos, servir-se de todos os recursos contra o Governo Nacional—obstáculo à sua ditadura anti-nacional.

Para quê? Para que se torne de novo possível que esses elementos usurpem o Poder e repartam entre si o espolio português; elementos que são instrumentos duma revolução demo-liberal que faria voltar a Pátria ao caos, à miséria e ao descrédito doutro tempo. Assim dizia há dias o «Diário da Manhã».

Tentativa revolucionária para quê?

Tentativa revolucionária para criar e engordar novos Litvinoffes; para desgraçar muita gente, para sustentar a marcha ascensional da restauração económica e financeira do nosso belo país; para aniquilar o que está feito pelo bem-estar e pela prosperidade do Povo Português. Lamentável desatino.

E' assim que termina o seu artigo no «Comercio do Porto» esse espirito culto, observador e imparcial que é Bento Carqueja.

A imprensa tem sido quasi unanimemente reprovar a tentativa revolucionária, mostrando a sua repulsa pelos actos verdadeiramente criminosos praticados por desvairados que cegamente obedecem ás alfurjas onde eles são planeados.

O «Século», em artigos successivos vem fazendo historia dos crimes politicos passados, expondo com clares a sua genese, a sua finalidade, mas por uma forma tão inciva e fulgurante que mostra bem a indignação de seu autor; temos acompanhado a campanha e pena temos é que não sejam largamente divulgados para ilucidar muita gente que ainda não quer ver que tem de entrar abertamente para este campo de acção, enfileirando neste exercito nacionalista que marcha em frente, aguerrido e disciplinado, olhos fitos no futuro da Pátria, obedecendo á voz do Chefe—Salazar.

Quem não é por nós é contra nós.

==

**VINHO AMERICANO.** A excepcional produção do vinho deste tipo colocou em serios embaraços o proprietario minhoto.

Vê as suas adegas cheias e sem esperança de venda; a ruína da sua casa é iminente. Que fazer?

Apela para o Estado, pedindo afflivelmente que lhe dê liberdade de venda mas o Estado ainda o não atendeu.

Bem sabemos que este tipo de vinho é uma dificuldade criada á venda do vinho regional, característico e que devemos fazer todo o possível para manter e aperfeiçoar.

Mas como resolver este problema que só este ano—dada a excepcional abundancia—tornou difficil?

Seria marcar um praso para o livre transitio e venda, até fins de Abril, findo o qual a proibição seria absoluta.

E' preciso resolver o caso, embora com a Lei mas tambem com o coração.

O Lavrador vive mal, muito mal, cheio de difficuldades, sem amparo, sem protecção; os Sindicatos Agricolas não mais casas de negócio de que auxilio á Lavoura.

A manter-se a proibição absoluta de venda de vinho americano impõe uma revisão imediata das matrizes liciticas, dando aos predios o verdadeiro valor, atendendo á sua desvalorisa-

Anda a fazer-se, por todo o país, a propaganda do Estado Novo, anda a dizer-se ao povo português, em frases claras, sem reticências, o que tem feito, a beneficio da Nação, a Ditadura Nacional, que o exercito proclamou em 1926—ha perto de oito anos.

Mais eloquentemente do que os discursos proferidos, os governos tem mostrado ao país que valeu a pena, que foi benéfico, o movimento nacional de maio de 1926, que se entrou, resolutamente, corajosamente, numa época de realizações, num periodo de trabalho util—pela Nação.

Ha, não pôde negar-se, muito que já se fez; ha, ninguém o ignora, uma obra magnifica a beneficio da Nação, que ao cabo de uns anos de sacrificios vê, orgulhosamente, restabelecida a confiança nos seus destinos, pelo equilibrio orçamental e pelos saldos arrecadados e pela importancia dos m. lhoramentos e das obras de ressurgimento já efectivadas.

Estamos, não ha que negar, num periodo de ressurgimento magnifico, assistindo ao arrumo de uma casa que esteve em desordem, dentro da qual se não entendiam os que a habitavam.

Ao exercito, guarda-avançada deste movimento renovador, que desde 1926 vem mantendo a ordem para que os governos possam trabalhar livremente, tem direito ao reconhecimento de todos que esqueceram dissensões politicas para se entregarem ao trabalho util—pela Nação.

Graças a este facto, graças á vontade de trabalhar que se tem manifestado em todos os sectores da actividade nacional, graças ao espirito de disciplina e de ordem que se tem mostrado existir na administração dos negocios publicos, graças á zelosa arrecadação das receitas do Estado e ao rigor que Salazar tem posto em não se excederem as dotações orçamentais dos serviços publicos, nós podemos dizer que se entrou, difinitivamente, em vida nova.

E não é já possível voltar-se áquella época em que os partidos politicos se descompunham mutuamente, até por que os novos que veem vindo para a trincheira que foi ocupada pelos que desde a primeira hora se pozeram ao serviço da Nação, criaram uma doutrina e constituíram a primeira força—ao serviço da Nação.

Tão grande é já a penetração dessa doutrina, que Salazar sintetizou na sua bela frase—tudo pela Nação, nada contra a Nação,—que não haverá já quem, sinceramente, conscientemente, franca e lialmente, tenha saudades do tempo em que todos andavamos ás turras, a impedir os bem intencionados de trabalhar a bem da nacionalidade. Porque, é justo e bem que se diga, havia nos agrupamentos partidários muita gente bem intencionada, animada das melhores intenções patrióticas; apenas, a esses, lhe não fôra permitido, ou consentido, actuar como desejariam.

Decorrido o primeiro periodo da Ditadura Nacional, acertadas e ratificadas as intenções patrióticas dos portugueses que a criaram, desfeitos os equívocos que no começo dela pareceram existir,—é já franca e leal a cooperação que se acentua e franca e lial é a colaboração dos portugueses que se integraram neste movimento renovador, a que se chama Estado Novo.

O movimento revolucionario em que há dias se pretendeu lançar o país, deve ter servido para abrir os olhos áqueles que não tem querido ver que fatalidade seria, para a Nação Portuguesa, uma mudança de rumo. Deve ter servido, acrescentamos, para que todos os portugueses de boa vontade cerrem fileiras para defesa da trincheira da Ordem, do pensamento nobre de bem servir a Pátria, que de todos deve ser.

Não pode negar-se, a Salazar, nem autoridade moral, nem competencia, nem saber, nem as mais nobres e peregrinas intenções patrióticas.

Não se pode negar que Salazar haja já prestado ao país o maior serviço dos nossos dias.

E será, para todos os portugueses, como já se disse, uma honra servir a Nação sob o comando de Salazar—o grande chefe deste movimento de patriotismo, o grande chefe desta revolução da ordem, que vai prosseguindo disciplinadamente, sem precipitações, em ritmo certo—a bem da Nação.

Mário Silveira

ção pela depreciação que sofrem com a eliminação dum dos factores—vinho—porque muitissimos deles só produzem vinho americano.

Tambem brigadas de agronomos devem percorrer os Concelhos onde se cultiva erradamente esse tipo de vinho e aconselhar a enxertia, estudando a casta que melhor se adopta.

Uma propaganda intensa e por forma pratica levará o proprietario a modificar a sua cultura vinicola, dotando esta região com um vinho—o bom vinho verde—que não tem igual nem rival.

Barcelos é um dos Concelhos mais prejudicados com a proibição; pensem a sério nisto as Autoridades.

**TRABALHAR, LUTAR, VENCER,**

assim disse o Dr. Oliveira Salazar. São três palavras que sintetizam todo o lema do homem público que serve o Estado Novo.

*Trabalhar*, organisando toda a estrutura desse Estado, dando forma ás ideias que dinamizam a Nação, pondo em movimento o maquinismo complicado que as suas Leis regularizam.

*Lutar*, esforçando-se por convencer que estão em erro aqueles que se julgam os detentores da mentalidade salvadora, todos aqueles que opõem uma corrente derrotista—dentro e fora de fronteiras—á realização convincente da politica financeira que prestigia o Paiz

**O «NOTICIAS DE BARCELOS»** deu-nos a boa nova de que voltou á actividade politica, filiando-se na União Nacional, o Sr. Dr. José de Castro Figueiredo de Faria.

Figura dum grande valor no nosso Concelho, tendo desempenhado logares do maior destaque, a vinda de Sua Ex.<sup>a</sup> para as fileiras do Estado Novo mostra a evolução do seu espirito culto, a vitalidade da sua tempera de combatente, não querendo ficar no comodismo de que muitos enfermam e que se pode classificar de criminoso.

Todos aqueles que amam cegamente a sua Pátria, a sua Familia, os seus haveres, não podem ficar á espera que os defendam, expondo-se, os que, a peito descoberto, nos varios reductos combatem pela Boa Causa.

E' preciso que venham com o seu nome e com a maior Fé encorajar na luta os que há muito já sabem obedecer e servir.

O gesto do Sr. Dr. José de Castro Figueiredo de Faria, tem no nosso meio um altissimo valor; deve ser um exemplo para aqueles que ainda estão hesitantes, presos a preconceitos que nada valem mas que lhes estorvam o passo em frente que devem dar.

Porque demoram?

Este ultimo ensaio de greve revolucionaria não será bastante para mostrar que precisamos de nos unir em fileiras cerradas para enfrentar o inimigo? Não veem que se vingá tal plano sanguinario, Portugal seria durante algum tempo o palco da maior anarquia?

Pensam que se voltaria ao tempo dos antigos partidos? Que grave e profunda ilusão!

O que nos esperava era o Comunismo, com os soviets perfeitamente organizados.

Porque demoram senhores da nossa Terra?

A União Nacional é o campo aberto onde podem alinhar todos aqueles que desejem colaborar na obra de ressurgimento de Portugal, Paiz bem pequeno mas bastante grande no esforço de Salvação.

Com convicção, com lealdade e com todo o entusiasmo pelo Estado Novo, por esta Republica Corporativa demos as mãos e digamos: *Pela Pátria e por Salazar.*

por uma forma tão brilhante que assombra os mais optimistas.

*Vencer* a resistencia dos que não querem ver a grandiosa obra de fomento em realização, resistencia que chega a ser obsessão doentia, brigando com o raciocinio.

*Trabalhar* dia a dia, hora a hora, a todo o instante, a *lutar* pelo engrandecimento do Estado Novo, acabando por *vencer*, provando exuberantemente a todo o Mundo que num País pequeno há um Homem de um tão grande valor que a *trabalhar* constantemente, a *lutar* com a maior Fé, dá o exemplo de *vencer*, formando uma nova Pátria restaurada nas suas ruínas, nos seus descalabros, rejuvenescida no seu esforço para a conquista do logar a que tem direito entre as Nações que nos contemplam, admirando o valor e o esforço dum Homem—Salazar—que leva a vida a *trabalhar*, a *lutar* para *vencer*, dando-nos um Portugal forte e rico, invejado, um Portugal cada vez melhor.

## ECOS

A mocidade académica, gostoso é patente-lo, testemunhou na noite de 28, mais uma vez, a sua colaboração decisiva na marcha da Revolução Nacional.

Reconhecida de há muito, e neste momento com flagrante oportunidade a acção pernicioso, traçoira, mas por vezes irremediável, que os professores e estudantes de ideias anti-nacionais, mantem dentro das escolas sempre se entendeu também a necessidade de lhe pôr cobro. A falta de outras medidas mais enérgicas, que numa Revolução Nacional como a nossa, seria inteiramente lógico e legítimo esperar do Estado, uma frente única de académicos nacionalistas, coadjuvada pelo Secretariado da Propaganda Nacional resolveu organizar-se para esse fim. E já que assim se passam as coisas, uma vez que os professores e estudantes inimigos do Estado Novo se entrincheiram dentro das escolas, e dentro delas teimam em fazer a sua propaganda, é lá também e nos próprios bancos das aulas que os estudantes nacionalistas resolvem actuar.

Deste pensamento nasceu a Associação Escolar Vanguarda na noite de 28, inaugurada. A. E. V. como altamente disse Salazar nessa inesquecível sessão inaugural a que presidiu, é um nome que significa uma posição. Na ovação final, empolgante até ao delírio, Salazar disse aos vanguardistas:

«É ainda para além das primeiras linhas, no sítio em que se observam atentamente os movimentos do inimigo, que se dá o alarme, aos combatentes, se ferem as primeiras escaramuças, e gloriosos de vós se recebem os primeiros golpes. E' preciso ser digno deles!»

Da A. E. V. podem fazer parte todos os estudantes dos Liceus e Universidades.

O seu lema é: *Por Deus, Salazar! Portugal! Tem um hino proprio «Hino da Vanguarda»* que para os estudantes nacionalistas Rui Coelho propositadamente compôs. Foi ouvido de pé, por toda a assistência, e cantado com entusiasmo e de braço erguido pelas filas dos camisas azuis. Pela primeira vez, um destacamento de nacionais-sindicalistas uniformizados, alinhado no palco, fez a guarda de honra ao Senhor Presidente do Conselho. Também pela primeira vez a assistência, contagiada pelo entusiasmo delirante dos académicos, acompanhou estes na saudação romana a Salazar. Terminada a sessão do S. Carlos, organizou-se uma manifestação que de archotes em punho e aos gritos: *Avante! Viva Salazar! Viva Portugal!* desceu o Chiado atravessou destemidamente o Rossio, subiu noite alta a Avenida para fazer uma ovação final perante a residência de Sua Exc.<sup>ta</sup> o Senhor Presidente do Ministério, que comovidamente agradeceu e brandiu com entusiasmo um archote.

O cortejo histórico de viaturas que num espectáculo de maravilha deliciou os olhos ávidos e insatisfeitos da risonha população da capital, foi mais uma prova, clara e insofismável, desse sopro de vida nova que despertou na alma do povo um interesse crescente por todos os acontecimentos novos que vão iluminando pouco e pouco os aiaais ainda frescos da grande batalha nacionalista.

Dir-se-há que gradualmente, mas de forma decisivas, e vai modificando a mentalidade portuguesa.

Unanimemente todos concordaram que há muitos anos que Lisboa não sentia uma tarde mais bela. Todos afirmaram nunca se ter visto uma tamanha multidão nas ruas. Parece que ninguém ficou em casa e por outro lado chegou muita gente da

## A' LUZ DA RAZÃO

## A PAZ SOCIAL

Vamos hoje, como prometemos, concluir as considerações iniciadas aqui na pretérita semana.

Começaremos a nossa análise dos factos por estas duas perguntas, que sintetizam toda a nossa argumentação:

—Porque é que, em Portugal, ha já sete anos, reina a paz e a harmonia nas consciências, a liberdade sem licença entre os cidadãos, a ordem nas ruas e a moralidade na Administração Pública?

—Porque é que, na Espanha e em outras Nações como a França, a Rússia, Cuba, México, etc., o povo não tem, sequer em separado, nenhuma destas regalias que os portugueses gozam juntas?

A' primeira pergunta respondemos:

Ha sete anos para cá, que o Governo do Estado Novo se tem empenhado e trabalhado com fé e patriotismo para ligar o fio da Tradição, partido pelos iconoclastas e ateus isto é, para fazer voltar o povo ao seio da Religião e da Nação.

Emquanto Portugal rezou e teve fé, di-lo o imortal Camões, nos Luziadas, essa Biblia Sagrada de Civismo e patriotismo,—conquistou a Terra, o Mar e o Mundo. Foi grande e poderoso. Dilatou a Fé e o Império. Conquistou almas para Deus e cidadãos para a nossa Pátria amada. Desde, porém, que os portugueses começaram a lançar ao desprezo e abandono esse rico património moral, cívico e religioso; depois que o liberalismo e democratismo se propôz substituir o simbolo da Cruz pelo triângulo judaico-maçónico, a decadência de Portugal não se fez esperar e com a decadência vieram as desordens, a desmoralização dos costumes e tudo mais que é confirmado pelo adágio popular:

«Casa onde não ha pãe,  
Todos ralham e ninguém tem razão»

Portanto, SALAZAR, como sábio sociólogo e psicólogo que é, como português e catolico sincero que sempre foi, conhecendo como ninguém as necessidades morais e espirituais do nosso povo, catolico por atavismo e duma religiosidade ancestral, pouco a pouco, por *étapes*, vai ministrando e lembrando os deveres que todos temos para com Deus, para com a Pátria e para com a Família.

Com SALAZAR todos vamos contentes para o NACIONALISMO.

Com a sua lógica, com os seus raciocínios ele vai convencendo os portugueses de boa fé e de boa vontade, que só a União Nacional, só o Estado Novo, só a República Corporativa é a única forma de governo capaz de dar a felicidade e o progresso a Portugal e a verdadeira paz social aos portugueses.

provincia. Entretanto... este modesto cortejo não teve os mais pequenos intuitos de explorações de paixões ou curiosidades inveteradas. Teve somente um caracter instrutivo e nacionalista.

Foi apenas uma lição gratuita para o povo. Bela, vibrante, e colorida, sim, mas simplesmente uma lição de história ao povo. Lição elevada, superior, apresentada com o máximo rigor e dentro da mais perfeita compostura muito sobranceira á minima parte de ridiculo, mas apenas uma lição gratuita destinada a educar, informar a alma nacional no sentido profundo e indestrutível, básico e vivificador de Portugal d'outrora e de sempre.

O entusiasmo que ora vai nas hostes do Estado Novo na propaganda de todo o programa da Revolução Nacional é deveras chocante.

Por todo o país, numa intensidade sempre crescente, todos os sectores do Estado Novo tem realizado brilhantes jornadas de doutrina. Por todos os meios possíveis, pela imprensa, (hoje já favorável nos próprios *colossos*) pela conferência, pelo cartaz, pela telefonia, pela aviação etc. etc. se tem proclamado alto e bom som os princípios do Estado Novo. Em Lisboa sobretudo, a definição do Estado Corporativo tem sido feita de mil e uma maneiras, através dos mais inteligentes e sugestivos cartazes.

O Secretariado da Propaganda Nacional, tem cumprido admiravelmente e em todas as oportunidades a sua alta missão.

Nada disto deveria ser preciso, porque em cada pedra de calçada, em cada esquina de rua, em cada praça arranjada, em cada escola, em cada quartel, em cada edificio público, Salazar está presente, está á vista. Mas, enfim, contando com a distração dos abstractos a verdade tem sido dita. Quem tem olhos que veja... Quem tem ouvidos que ouça... E se não arrenda depois.

## NOTAS A LAPIS

Falar aos leitores destas «Notas» do que foi a festa no Recolhimento e Asilo do Menino Deus, comemorativa do 2.º centenario da fundação do antigo «Convento das Beatas», do seu valor moral e social, não me atrevo, porque tudo quanto se pudesse ou quizesse dizer seria empanar o brilho daquela linda e simpatica festa.

Aquilo sente-se, mas não se descreve! Só visto e ouvido da propria boca dos conferentes.

Só é de lamentar que lá não estivesse Barcelos em pês, Barcelos intelectual, apesar do convite recebido, para ouvir falar a simbolica figura da Caridade que se chama Dona Maria José Pinto da Fonseca Abreu Novaes, honra do nosso povo, glória de Portugal, como outr'ora o foi Judith do povo de Israel!

Outra coisa de que não me atrevo a falar, por asco e repugnancia, é do abortado movimento comunista.

Está agóra explicado o motivo porque certos funcionários públicos se recusavam a aderir á União Nacional.

Estavam á espera do almejado *revirinho!*...

Como alguns esfregavam as mãos de contentes, quando souberam que se esboçava uma alteração da ordem pública!

Com que inconsciência e maldade o faziam!

Triste e lamentavel cegueira...

## A OBRA DA CADEIA

Visitamos ha dias a cadeia e viemos com uma dolorosa e revoltante impressão pelo que vimos.

Os dois salões estão a estragar-se com a agua da chuva que lá entra a jorros. Alguns caixilhos já estão pôdres e outros empenados. E' uma vergonha aquela obra que custou umas centenas de contos.

De quem é a culpa?

Do Engenheiro? Do Architecto? Do Empreiteiro?

Não sabemos, senão aqui o diriamos.

O que podemos afirmar é que se de nós dependesse chamar á responsabilidade o culpado, já o teriamos feito. Cada um cumpra o seu dever.

## Farmacias de serviço

No proximo domingo e durante a semana estão de serviço permansnte as Farmácias Silva Ferraz, ao Largo do Bom Jesus da Cruz e J. Alves de Faria, em Barcelinhos.

## S. BRAZ

No aprasivel e pitoresco local de S. Braz, em Barcelinhos, realiza-se no domingo proximo a tradicional e concorrida romaria ao Santo daquele nome. Abrihantará a festa a Banda Barcelense, sendo de esperar grande concorrencia.

## MISSA

Na proxima segunda-feira a Família Amorim Novais, manda rezar uma missa, pelas 9 horas, no templo do Bom Jesus da Cruz, sufragando a alma do saudoso Dr. João do Couto de Abreu Amorim Novais.

## União Nacional

## Sessão de Propaganda

Foi adiada para dia oportunamente anunciado, a sessão de propaganda do Estado Novo, que tinha de realizar-se no proximo domingo, nesta cidade, no Teatro Gil Vicente.

## O que o correio nos trouxe...

Ora, aqui tem os leitores uma nota alegre que não implica responsabilidade para ninguém. Tomem nota:

Enviaram-me pelo correio estes versos de pé coxo, cujo autor, por *modestia*, não quiz assumir a paternidade.

*Santo António dá a sorte  
Aos pobres e descontentes;  
Mas é preciso comprar-a  
Na «Casa dos Combatentes».*

*Tem tabacos para homens,  
Papel para namorados,  
Brinquedos para crianças  
E mais coisas pra casados*

*O seu combate é leal,  
Sincero e verdadeiro;  
Combate o Pedro e o Galo  
Até combate o Guerreiro.*

*E tudo vende a dinheiro,  
O nosso amigo Lebreiro.*

## DOENTES

Com ligeiro ataque de gripe, guarda o leito a sr.<sup>a</sup> D. Rose Azevedo Coelho Gonçalves, dedicada esposa do sr. Humerto Coelho Gonçalves.

—Ja está completamente restabelecido o sr. Julio Trigueiras, de Remelhe.

—A caminho de compieto restabelecimento encontra-se a distintissima professora sr.<sup>a</sup> D. Jeny Lopes Cardoso.

## Avião

Pelas 11 e meia horas de ontem voou sobre esta cidade um avião que lançou milhares de proclamações, convidando o povo do Norte a associar-se ás brilhantes e patrioticas homenagens que a cidade de Braga prestou ao sr. Ministro do Interior, representante do Governo da Nação.

# União Nacional Comemoração do bi-centenario da fundação do Recolhimento Menino Deus, em Barcelos

Na última reunião da Comissão Municipal da União Nacional, que se realizou na terça-feira passada, foi deliberado apresentar á aprovação da Comissão Distrital mais as seguintes Comissões de Freguesias:

**Pedra Furada** — Constituída pelos srs.: Doutor José de Castro Figueiredo de Faria, P.º Domingos Ribeiro da Cruz e Fernando Senra.

**Carapeços** — Constituída pelos srs.: Benjamim Ferreira da Costa, Manuel Vaz Correia e Francisco Duarte Coutinho.

**S. Pedro de Alvito** — Constituída pelos srs.: José Maria Pinheiro Durães, José Rodrigues Pinheiro e Antonio Duarte Fernandes.

— Nesta mesma reunião, registaram-se as adesões da última semana, havendo-se verificado que o novo organismo político, em organização ainda, tem já 3.000 filiados no concelho. Dos boletins de inscrição já convenientemente examinados e autenticados pelas autoridades, foram enviados 1391 á Comissão Central.

— Discutiram-se ainda, vários assuntos que se relacionam com a próxima sessão de propaganda do Estado Novo Corporativo, a realizar em breve no Gil Vicente, e que deve revestir o maior brilhantismo.

## ADESÕES

### Freguesia da Lama

Antonio da Silva Matos, Lavrador; Anibal do Vale Fernandes, Oleiro; Domingos José Fernandes, Lavrador; Domingos da Silva Costa, Jornaleiro; Domingos Quintas, Oleiro; Eduardo de Macedo Fernandes, Oleiro; P.º Joaquim Coelho Araujo, Pároco; Joaquim da Costa Carvalho, Lavrador; Joaquim Gomes, Oleiro; Joaquim Moutinho Lopes Correia, Proprietário; José de Castro, Lavrador; José Gomes, Lavrador; José Joaquim Fernandes, Proprietário; José Maria Gomes, Lavrador; José Ribeiro, Lavrador; José Rodrigues dos Santos Lima, Proprietário; José da Silva, Lavrador; João Joaquim Fernandes da Silva, Oleiro; João Macedo do Vale, Oleiro; Manuel Fernandes da Silva, Proprietário; Manuel Gonçalves da Silva, Oleiro; Manuel Gonçalves Dantas, Oleiro; Manuel Martins de Oliveira, Oleiro; Zacarias Gonçalves Ralha, Chauffeur; Claudio Joaquim Gonçalves Ferreira, Proprietário.

### Freguesia de Perelhal

Abilio Adelino de Miranda, Lavrador; Angelino Emilio de Vale Lima, Proprietário; Antonio Alfredo Ribeiro, Lavrador; Antonio Ferreira Maciel, Jornaleiro; Antonio Gomes de Carvalho, Proprietário; Antonio José da Costa, Lavrador; Antonio José Gonçalves, Proprietário; Antonio José Gonçalves de Sá, Pedreiro; Antonio José Miranda do Rego, Lavrador; Antonio José do Vale, Proprietário; Antonio de Miranda Barros, Lavrador; Antonio Rodrigues Pereira Junior, Proprietário; Augusto José da Silva, Lavrador; Carlos Rodrigues Cardoso, Lavrador; David José da Costa, Lavrador; David Policarte da Silva, Lavrador; Fernando Miranda de Souza, Lavrador; Francisco Lopes Rodrigues da Areia, Proprietário; Francisco José de Miranda Barros, Proprietário; Joaquim Antonio de Souza, Lavrador; João Afonso de Miranda, Jornaleiro; João Alves de Miranda, Lavrador; João Barroso de Miranda, Jornaleiro; João Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, Proprietário; José Antonio A. Gandra, Lavrador; José Antonio da Cunha, Proprietário; José Antonio Miranda do Rego, Lavrador; José da Costa Soares, Lavrador; José Joaquim Borroso, Jornaleiro; José Manuel Martins, Jornaleiro; José da Silva, Proprietário; Julio Simões de Azevedo, Guarda-Livros; Luiz Fernandes Pinheiro, Lavrador; Manuel Azevedo Ramalho, Jornaleiro; Manuel Car-

No passado domingo realizou-se a comemoração da fundação do Recolhimento e Asilo do Menino Deus, tendo a dignissima Direcção da Casa promovido grandes festas.

Foi convidada a autoridade superior do districto, Ex.º Sr. Capitão Lucinio Preza que se fez representar pelo Ex.º Sr. Dr. Felix Barreira, secretario geral do Governo Civil.

Tambem recebeu igual convite Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo de Braga que se fez representar pelo Ex.º Sr. Senhor Arcipreste, Padre Rios Novais.

A Junta Geral do Districto, grande bemfeitora desta casa enviou seus delegados, os Ex.ºs Srs. Drs. Alberto Carlos de Magalhães e Artur Fontes, membros prestigiosos deste alto corpo Administrativo.

Por fidejamento duma pessoa de Familia não pode vir assistir Sua Ex.ª o Sr. Director Geral da Assistencia.

Os convidados foram esperados pela Direcção da Casa e internadas, sendo saudados com entusiasmo e cobertos de flores.

Visitaram todos o Edificio, elogiando a excelente instalação das educandas e os seus primorosos trabalhos; assistiram ás refeições e distribuição da sopa aos pobres.

Pela Direcção da Casa foi oferecido um almoço aos convidados, almoço confeccionado e servido pelas educandas, o que provou a boa orientação que é ministrada naquela Casa.

Foi motivo para se trocarem saudações e elogios, fazendo-se votos pela restauração da Oficina-Asilo, instituição tão necessária em Barcelos, onde os rapazes vagueiam pelas ruas, cultivando a vadiagem.

Seguiu-se a Sessão Solene.

O Salão estava repleto de senhoras e cavalheiros, todos bemfeitores a quem era dedicada a imponente festa.

Constituída a Mesa, sob a Presidencia do Sr. Dr. Felix Barreira, representante do Ex.º Sr. Governador Civil, tendo a secretarial-o o Rev.º Sr. Arcipreste, representando Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo, e o Sr. Dr. Alberto Carlos de Magalhães e Menezes, dignissimo Presidente da Junta Geral.

Falou em 1.º lugar o Sr. Conselheiro Sá Carneiro o douto advogado conhecido em todo o Paiz que durante largos anos dirigiu o Recolhimento, no seu inicio de transformação, fazendo daquela instituição uma Casa de educação e formação para Orfãs.

Historiou larga e fundamentadamente as diversas fases da sua gerencia, onde todos viram o esforço empregado por Sua Ex.ª.

Foi muito aplaudido.

As educandas realizaram um numero muito bem ensaiado, os Sinos de Mafra, um conjunto coral harmoniosissimo.

Subiu depois ao estrado o Ex.º Sr. Dr. Miguel Fonseca, ilustre clinico e desvelado protector do Recolhimento.

A largos traços fez a minuciosa narrativa do tempo da sua administração, os melhoramentos com que dotou a Casa e os subsidios que obteve; trabalhou com criterio e com coração.

Uma prolongada salva de palmas manifestou o apreço com que foi ouvido.

A seguir fala o Rev.º Pároco desta cidade, o sr. Padre Joaquim Gaiolas, Presidente da actual Comissão Administrativa que lê um trabalho admiravel, historiando a forma como a Ordem Terceira de S. Francisco, actual administradora do Recolhimento do Menino Deus, pratica a assistencia, distribuindo a sua acção por diversos ramos de Caridade.

São 57 educandas, internadas e que recebem educação e instrução modelar, ministrada pelas Missionárias de Maria.

E' a Sopa dos Pobres e Pão de Santo António que diariamente distribue 133 refeições.

E' a Creche Dom António Barroso frequentada por 150 crianças de ambos os sexos, dos 4 aos 7 anos.

E' o Patronato, com 21 educandas semi-internas que recebem instrução e educação moral e profissional, no atelier.

O conferente, lendo o seu trabalho brilhante, expôs conceitos sublimes de doutrina social, pedindo a todos a sua colaboração e auxilio para sustentação desta Casa que, como viram e ouviram, presta excellentes serviços nesta cidade e Concelho.

Foi muitissimo aplaudido o seu trabalho, por todos os titulos verdadeiramente notavel.

A Ex.ª Sr.ª D. Maria José Novais, num improviso arrebatador, agradeceu a manifestação que toda a Assembleia lhe tributou ao ser notada a sua presença e proferiu um discurso com que demonstrou a formosa cultura do seu espirito, a ternura da sua alma bem formada, a bondade imensa do seu coração de Mulher Portuguesa, bem Portuguesa.

Foi tal o entusiasmo que despertou que uma ovação enorme coroou o seu maravilhoso discurso.

E assim terminou esta Festa, tão simpatica a todos os Barcelenses e que deu ensejo a patentear o zelo com que é administrado o Recolhimento Asilo do Menino Deus, em Barcelos.

## Recolhimento-Asilo do Menino Deus

Esmolas dos bemfeitores arrecadadas desde Outubro de 1933 até 24 de Janeiro de 1934

### Para o Recolhimento

Dos senhores:	
Agostinho Lopes dos Santos	100\$00
Anonimo, por intermedio da sr.ª D. Maria Guilhermina Fernandes	100\$00
Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, por intermedio do Banco N. Ultramarino	3:000\$00
Anonimo Shyok, por intermedio da sr.ª D. Maria G. Fernandes	50\$00
Um amigo das crianças Administrador do concelho, para a consoada das crianças	10\$00
	400\$00
Avelino Aires Duarte	5\$00
D. Rosa Leocádia Peixoto de Bourbon Fragoso	20\$00
Um amigo das crianças Dr. Manuel Batista de Lima Torres	10\$00
	150\$00
Esmolas recebidas pela Ex.ª Directora	1:036\$70
Recebido da venda de trabalhos das educandas	366\$60
Administrador do concelho	40\$00
Francisco da Silva Costa, da Silva	100\$00
Junta Geral do Distrito	500\$00
Dr. José da Graça Faria Junior	20\$00
João de Sousa Caravana	10\$00
Manuel Cardoso de Albuquerque	10\$00
D. Joaquina Lopes Leal, por intermedio do sr. Hilario Barreiros	500\$00

### Para as Crèches «Dom Antonio Barroso»

Anonimo, por intermedio da sr.ª D. Maria G. Fernandes	100\$00
Anonimo Shyok, por intermedio da mesma	50\$00
Da colectora sr.ª D. Maria da Graça da Silva Vasconcelos	687\$50
Do sr. Fernando Augusto de Andrade	20\$00
Do sr. João Duarte Velloso, mensalidades de Abril a Dezembro de 1933	1:800\$00
Entregue pela Ex.ª Directora	30\$00

### Para o «Pão de Santo Antonio» e «Sopa dos Pobres»

Anonimo, por intermedio da sr.ª D. Maria G. Fernandes	100\$00
Anonimo Shyok, por intermedio da mesma	50\$00
Mensalidades de bemfeitores, entregue pelo colector sr. José Rodrigues Pereira	280\$00
Da sr.ª D. Maria Monteiro, de Quelimane (Africa) por intermedio da sr.ª D. Maria Tereza das Dores Faria	200\$00
Esmolas recolhidas na Caixa	898\$90
Entregue pela Ex.ª Directora	68\$00
Da Junta Geral do Distrito	500\$00

## SOCIEDADE

### Fazem anos:

Amanhã a ex.ª sr.ª D.ª Maria da Graça Fernandes de Sousa.  
Dia 3— a ex.ª sr.ª D.ª Rosa de Lima Bandeira e os srs. Manuel José Nunes Pereira e João Pacheco Leite.  
Dia 4— a ex.ª sr.ª D.ª Maria Luciana Ribeiro de Azevedo Teixeira da Fonseca.  
Dia 5— o sr. Antonio Maria Guimaraes Vale.  
Dia 6— o sr. Avelino Aires Duarte.

## João Bernardino Ribeiro

Avenida Alcaides de Faria

(Largo da Estação)

BARCELOS

Tel. 82

**Pensão e Restaurante**—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o conforto.

**Mercearia**—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços.

**Deposito e Revenda** das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO e PEDRAS SALGADAS.

Consulte a minha tabela de preços.

**Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL».** O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

Manoel José Gonçalves, Proprietário; Manoel José de Miranda, Lavrador; Manoel José dos Santos, Lavrador; Manoel do Vale da Ermida, Lavrador; Mateus Gomes de Miranda, Proprietário; Paulino Gomes, Lavrador; Valentim da Costa Soares, Lavrador.

valho Miranda, Negociante; Manuel Henrique de Souza, Lavrador; Manuel Joaquim Gomes, Proprietário; Manuel Joaquim Martins de Souza, Proprietário; Manuel de Jesus Teixeira, Lavrador; Manuel José da Silva, Lavrador; Manuel José Gonçalves do Monte, Lavrador;

## PELO ESTADO NOVO

## COMBATE AO COMUNISMO

PELA

## Acção Escolar Vanguarda

«Combate ao Comunismo» é o lema de uma nova organização patriótica constituída pelos melhores valores da mocidade escolar.

Do que foi a sua inauguração, realçada há dias no S. Carlos, em Lisboa, deu-nos pormenorizada noticia a imprensa diária.

Por agora, e porque a falta de espaço não nos permite ir mais longe, limitamo-nos a transcrever o notavel discurso do sr. Presidente do Conselho, aí pronunciado, entre os aplausos dum mocidade que quer um Portugal Maior, um Portugal Salazar.

«Vanguardistas: sede benvindos!

Eu peço-vos desculpa, minhas Senhoras e meus Senhores, de não vos ter dado a primazia nesta saudação: é o velho geito de Coimbra em que o capêlo dos lentes cede sempre o primeiro lugar à capa dos estudantes. Professor desterrado na politica, tendo feito do Governo sobretudo e apesar de tudo um pouco de magisterio, tendo feito constante apelo sobretudo e apesar de tudo à força e à nobreza do espirito, é-me dado ouvir nesta noite inesquecível a mocidade academica dizer—presente! Os estudantes estão aqui: e os vossos professores onde estão? Onde está a escola, a sagrada officina das almas, sobretudo a Universidade, a fabrica espiritual portuguesa, que ha-de educar os homens para governar e ser governados, e fazer a propria ciencia do Governo, para maior gloria e progresso da Nação? Onde está?

Grandes surpresas tem causado aos profetas os acontecimentos dos ultimos anos em Portugal! Quando se pensava que a Ditadura tudo esmagaria numa aventura de violencia militar, vê-se o Governo quasi exclusivo do professorado superior, a força a servir a justiça, a improvisação a ceder definitivamente o passo à preparação científica. Em periodo algum da nossa historia moderna, como no que vivemos, se deu maior lugar à intelligencia preparada para a acção. Nunca se havia feito tão largo apelo à tecnica nas suas varias especialidades; nunca se havia interessado tanto a arte na criação da beleza; nunca se havia feito o esforço comparavel ao que se faz para pôr a ciencia ao serviço dos interesses nacionais, aplicar os bons metodos de investigação ao estudo dos problemas administrativos, e levar acima das paixões vulgares a exposição dos factos e das normas, e até mesmo para exprimir as coisas em lingua que os portugueses pudessem ler.

Neste esforço, que tende a elevar o nivel do Governo e da administração pública, por um lado, e ad produção economica, por outro, á maior altura intelectual e moral a que pudermos

ascender, representa a primeira grande exigencia do País em relação á escola. Nós não compreenderíamos—nós não poderíamos admitir—que a escola, divorciada da Nação, não estivesse ao serviço da Nação e não compreendesse o altissimo papel que lhe cabe nesta hora de ressurgimento, na investigação e no ensino, a educar os portugueses para bem compreenderem e bem saberem trabalhar. E é pouco ainda.

Os tempos vão excessivamente duros. Quando, ao considerar as tempestades presentes e as que ensombram o futuro próximo, eu vos digo que sois a geração sacrificada, a geração do resgate, alguns de animos menos valoroso ou menos preparado sentem que alguma coisa rasga a delicadeza da sua alma e não se furtam a repetir a frase do Evangelho: «são duras estas expressões». Sem dúvida, mas são verdadeiras.

Quando Roma foi tomada pelos barbaros e com ela caiu o imperio do ocidente, muitos dos mais altos espiritos não puderam formar a ideia da vida no futuro que começava e não foram superiores á impressão de que acabar o imperio romano era acabar a sua civilização e que o fim desta era o caso do mundo. Quando os turcos tomaram Constantinopla e puseram ponto final ao imperio romano do oriente; quando o fortalecimento do poder real provocou a queda do feudalismo e os reis, apoiados no povo e na pequena burguesia, travaram batalha decisiva contra os poderes politicos da nobreza; quando mais modernamente ainda se libertou grande parte do trabalho manual pela abolição da escravatura; sempre enfim que fortes abalos na marcha do mundo produzem alterações fundamentais ou substituem inteiramente certos conceitos básicos da vida politica, economica ou social, muitos são os que vaticinam a vida efemera das coisas novas ou, a durarem, o fim do mundo. E', de facto, o mundo que desaba, não o mundo exterior—os homens e o planeta—mas o mundo das nossas ilusões, dos nossos desejos, dos nossos interesses, dos nossos egoismos, dos nossos hábitos, dos nossos sentimentos, das nossas posições, das nossas ideias, das nossas relações com o semelhante.

Tem sido dito e repetido que assistimos a uma das grandes viragens da historia e estamos presencendo, estamos realizando as transformações sociais de que há-de nascer o mundo novo. Fazêmo-lo por nossas mãos, não contrariando o sentido geral da corrente, mas todos veem que a obra é amassada em lágrimas, em sacrificios, em sofrimentos de toda a ordem mas sobretudo morais. Os tempos tranquilos de vida facil, de ideias incontestaveis, de ordem imperturbada, de negocios correntes, de trabalho assegurado e até de ocio assegurado—são findos. A direcção da economia é cada vez mais exigente e violenta, o trabalho cada vez mais dominador, o capital cada vez mais fraco e comedido, a vida no seu conjunto cada vez mais incerta, a protecção da familia, da classe, da casta cada vez menos poderosa, porque o valor individual vai sobrepunhando muitas considerações de

ontem; As mães, o collegio, a escola que há quarenta anos punham todo o seu empenho em criar, mimosos e debéis, ao abrigo de todas as dificuldades, os futuros cidadãos, formariam hoje homens infinitamente desgraçados. Tantas vezes ouvi dizer a mães carinhosissimas, sem poder conter a sua felicidade: graças a Deus, o meu filho não precisa de trabalhar. Dar-se-há o caso de os educades, Senhoras: para que para eles trabalhassem os filhos das outras mães?

Se a escola compreende o nosso tempo e a revolução em marcha, em Portugal, tem de fazer de todos o que certamente vós sois. Há-de educar-vos a vontade para que saibais que, no duplo sentido desta expressão: vontade recta e vontade firme. Há-de dar-vos a preparação necessaria para o esforço util, a aptidão para um trabalho real e, melhor ainda, se fôrdes habeis em mais que uma coisa. Há-de formar-vos o espirito forte para a luta: porque é preciso receber com calma os golpes da vida, suportar as agruras da adversidade, seguir com fé o seu destino, sacrificar-se pelo bem comum e sentir com isenção, com lealdade, com nobreza, deante da Pátria, o orgulho e a «gloria de sofrer».

E' preciso ainda mais.

Quando a maior parte de vós começava a soletrar os livros das escolas, já a Europa tinha experimentado a maior crise mental dos últimos séculos. Parecia mesmo que algumas reacções felizes começavam a indicar o caminho da tranquillidade para os espiritos desassossegados dos fins do século XIX e dos principios do nosso. O filofismo começava abalando nas intelligencias a adesão ás verdades eternas, e correndo nos espiritos as grandes certezas. A certa altura da obra destruidora viu-se, com panico, que nada se havia substituído a estes marcos milenarios de que as almas se servem para se guiarem na vida. Negou-se Deus, a certeza, a verdade, a justiça, a moral, em nome do inaterialismo, do ceptismo, do pragmatismo, do epicurismo, de mil sistemas confusos, em que o vácuo foi preenchido com dificuldades. Mas a negação, a indiferença, a duvida não podem ser fontes de acção e a vida é acção.

Quando a guerra surgiu, fazia-se sentir no campo da intelligencia a reacção espiritualista, operando com cuidado a revisão das ideias e o registo dos estragos. Alguns conceitos fundamentais da organização politica e social tinham ficado abalados, mas conservaram-se de pé: o conceito da Patria, de propriedade, de familia, de humanidade, de virtude, de pudor tinham escapado ás novas invasões. A luta armada, as crises economicas e politicas, os acontecimentos sociais que em extensão e profundidade nunca vistas assolaram a Europa e o Mundo deram novo aspecto ao problema e geraram o comunismo.

Doutrina essencialmente economica—aliás experimentada e de impossivel adaptação á economia complexa dos povos civilizados—o comunismo converteu-se, por necessidade de combate, de defesa ou de infiltração nas massas, numa doutrina totalitaria, como hoje se diz, em sistema completo

de vida e organização social. Agregou-se a si todas as aberrações da intelligencia e é como sistema, e independentemente dalgumas realizações materiais, a sintese de todas as revoltas tradicionais da materia contra o espirito e da barbaria contra a civilização. Ele é a «grande heresia» da nossa idade.

Nós sabemos que há erros graves na nossa organização economica e social, desigualdades injustas, deficiencias, misérias, mentiras, contradicções e é preciso que as remediemos ou as façamos desaparecer, é para isso que prosseguimos a nossa revolução, mas esta, para ser profunda, não pode destruir, o que a tornará eficaz: os principios fundamentais, encontrados pelo trabalho, e o sofrimento das gerações passadas, digamos as grandes realidades da vida social. O comunismo, não: ele tende á subversão de tudo e na sua furia destruidora não distingue o erro e a verdade, o bem e o mal, a justiça e a injustiça. Pouco se lhe dá da historia e das experiencias seculares da humanidade, da vida e dignidade da intelligencia, dos purissimos factos da familia, da honra e pudor da mulher, da existencia e grandeza das nações, contanto que da sua falsa concepção de humanidade tenha podido arrancar a escravidão do homem e a sua máxima abjecção.

Nós não compreenderíamos—nós não poderíamos consentir—que a escola portuguesa fôsse neutra neste pleito e ultrapassaria todos os limites que, clara ou veladamente, por actos positivos ou por omissão dos seus deveres, ela trabalhasse contra Portugal e ajudasse os inimigos da nossa civilização. Por mais longe que vá a nossa tolerancia perante as divergencias doutrinaes que em muitos pontos dividem os homens, nós somos obrigados a dizer que não reconhecemos liberdade contra a Nação, contra o bem comum, contra a familia, contra a moral. Queremos, pelo contrario, que a familia e a escola imprimam nas almas em formação, de modo que não mais se apague, aqueles altos e nobres sentimentos que distinguem a nossa civilização e profundo amor á sua Pátria, como o dos que a fizeram e pelos séculos para a engrandecerem.

Vanguardistas: o vosso nome significa uma posição: é ainda para além das primeiras linhas, no sitio em que observam atentamente os movimentos do inimigo, que se dá o alarme aos combatentes, se ferem as primeiras escaramuças e, gloriosos de vós! se recebem os primeiros golpes. E' preciso ser digno deles!»

PELA ORDEM!  
POR PORTUGAL!

BARCELENSES:

FILIAI-VOS

NA

UNIÃO  
NACIONAL

U. N.

Boletins de Inscrição

Os barcelenses que queiram inscrever-se na União Nacional poderão procurar os respectivos boletins nos seguintes locais:

Administração do Concelho.  
Farmácia Faria—Largo Dr. Martins Lima.

Redacção do «Noticias de Barcelos»—Largo José Novais.  
Pensão Avenida—Avenida Alcaldes de Faria.

Armazens São Tiago—Largo da Porta Nova.

Casa do Café—Rua D. António Barroso.

Tipografia Marinho—Rua Infante D. Henrique.

Tomaz José d'Araújo & C.ª,  
Sucrs., Rua Barjona de Freitas.

**VINHOS AMERICANOS**

Pede-nos o nosso dedicado amigo sr. João Barbosa Duarte Senra, de Lijó, a publicação do interessante artigo que muito gostosamente, com a devida venia, transcrevemos de as «Novidades».

«Acabamos de ler no jornal «Novidades» na secção «Novidades no Porto» com o subtítulo «Notas Portuenses» sobre a epígrafe—Ainda e sempre o vinho Americano—um artigo firmado pela inicial Z., em que o seu autor fez uma série de perguntas, e á mistura remite o seu parecer no que está no seu pleníssimo direito.

Responder-lhe-emos como soubermos, argumentando com os nossos escasos conhecimentos, limitados pela pureza de humilde, minúsculo, e obscuro lavrador que somos.

Primeira pergunta: *Está em crise a pequena lavoura?*

Resposta: Está, porque em crise está a criação de gado, a produção de leite, a horta, porque a produção cezalifera foi em muitos em muitos casos escassa, e ainda porque se tenta privá-la da venda de um produto que foi abundante e graças a Deus de muito boa qualidade—o vinho americano.

Está em crise a pequena lavoura e mesmo a média porque laços muito estreitos e afins, a ligam ás classes baixas e médias, cujo poder de compra de que muito que é reduzido, e por isso os produtos agrícolas não encontram fácil nem renumeradora colocação, não por escasso de produção, mas por deficiência de consumo.

Diz o ilustre articulista: *«Os governantes não podem nem devem andar atrás dos interesses de momento dos produtores.»* Estamos de pleno acôrdo; resta apenas saber a quem assiste a justiça do direito para ser dada; e para isso analisemos o peccado que no citado artigo a seguir se dá, e assim diremos, que o trabalho dos lavradores que produzem o vinho americano é honesto, e tem utilidade na economia geral do país, porque é produzido em terras que nada mais produziram com tanta utilidade e valor, porque na sua maior parte é criado sobre terrenos de matos nas orlas dos campos, sobre caminhos vicinaes e de seruidão e sobre os cursos de água, e não sobre planuras como as do Vale de S. Mateus, Almeirim, Torres Vedras e muitas outras. E tem grande utilidade na economia da região porque evita a drenagem de numerário para outras zonas do país, onde muito facilmente em vez de vinho, se poderia produzir trigo ou outras culturas.

Isto é, o vinho americano produzido no distrito do Porto, nada haverá de mais legítimo do que ser consumido na mesma região, e nada mais economico do que a própria região bastar tanto quanto seja possível.

Diz ainda o articulista no periodo a seguir:

*«Aos anos que foi publicado o decreto da regulamentação dos Vinhos Verdes, já houve tempo mais que suficiente para as suas disposições se cumprirem etc.»*

Mas que julga o articulista serem as disposições do regulamento? «A esse respeito diz apenas: «No prazo máximo de cinco anos a contar da data deste diploma o Governo nomeará uma Comissão de técnicos que estudarão, etc.»—veja-se o que dispõe o parágrafo 3.º art.º 18—decreto lei n.º 16:864 de 22 de março de 1929—A Comissão de técnicos ainda não foi nomeada, mas tais cinco anos ainda não acabaram, portanto admitindo mesmo que a regulamentação é justa, concedia e condicionava esta em periodo de tolerancia que ainda não acabou, e cujas condições por enquanto ainda não são conhecidas.

*O Estado português tal qual se en-*

**Camara Municipal**

Extracto da acta da sessão de 16 de Dezembro de 1933

Aos 16 dias do mês de Dezembro do ano de 1933, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal e sala das sessões, reuniu a Comissão Administrativa Municipal, sob a presidencia do Ex.º Sr. Dr. Joaquim Furtado Martins, estando presentes os Ex.ºs Vogais Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, Francisco José Monteiro Torres, vice-secretário, José Gomes de Sousa e João Francisco Rios Novais. Por motivo justificado, não compareceram os Ex.ºs Vogais, Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro e José de Bessa e Menezes. Depois de dada a hora fixada para as sessões pelo sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da lei.

**EXPEDIENTE**

Foi presente e resolvido que se arquivasse o balancete do cofre municipal relativo á semana que hoje finda. Foram autorizados os documentos de despesa n.ºs 932 a 946 inclusivé, no valor total de 6:889\$10.

**CERCA DO HOSPITAL**

O Sr. Presidente deu em seguida conhecimento de que foi aprovado superiormente o projecto apresentado pela Câmara, bem como a proposta da Câmara para a construção dos muros de vedação da Cerca do Hospital.

**HORTO MUNICIPAL**

Foi resolvido arrendar ao sr. Jaime Valongo e Esposa um terreno com a área cêrca de 1.300m², para nele ser instalado o horto municipal. Mais foi resolvido que o arrendamento se faça por espaço de 10 anos e com inicio no proximo dia 1 de Janeiro, e pela ronda mensal de 80\$00, ficando o sr. Presidente incumbido de outorgar na escritura competente.

**VIATURAS AUTOMOVEIS**

Foi resovido cobrar a importancia de \$50 por cada impresso destinado á declaração dos proprietários das viaturas automóveis.

**CEIA DOS PRESOS**

A Câmara resolveu contribuir com a importancia de 150\$00 para a ceia dos presos no dia de Ano Novo.

**VARREDURAS**

Foi resolvido fazer a arrematação das varreduras dos largos e ruas da cidade, do Matadouro e das cavelariças no proximo dia 20 de Janeiro, devendo o sr. Vereador do Pelouro elaborar as respectivas condições e publicarem-se anuncios.

**REQUERIMENTOS**

De José de Araujo Torres, residente no Campo de S. José, pedindo ligação de água para o prédio que habita. A' Repartição Técnica para mandar proceder á ligação.

De Augusto Soucasaux, Mario Sou-

casaux e Augusto E. Soucasaux, desta cidade, pedindo que seja feita a vistoria a que se refere o art.º 4.º de Decreto n.º 14.372, ao prédio que construíram na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. A' Repartição Técnica, para que se proceda á vistoria.

De João de Sousa, pedindo que lhe seja vendido terreno para construção de um jazigo no Cemitério Municipal. A' Repartição Técnica, para informar e avisar o interessado para juntar projecto.

Do auxiliar da Repartição Técnica, participando que dois consumidores de água se recusam a satisfazer as importancias dos seus recibos. Ao sr. Vereador do Pelouro, para informar.

De Padre Antonio José da Costa Cerqueira, da freguesia de Palme, pedindo licença para construir uma parede de vedação no lugar de Cerquido e depositar materiais.

De Antonio José Eernandes Pinto, da freguesia de Minhotães, pedindo licença para passar com água de rega pelo caminho publico no lugar da Cachadinha. Estes dois requerimentos foram deferidos, sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações da Repartição Técnica e das Juntas de Freguesia respectivas.

Nada mais havendo a tratar, pelo sr. Presidente foi declarada encerrada a sessão em nome da lei.

**Extracto da acta da sessão de 23 de Dezembro de 1933**

Aos 23 dias do mês de Dezembro do ano de 1933, nesta cidade de Barcelos edificio municipal e sala das sessões, reuniu a Comissão Administrativa Municipal sob a presidencia do Ex.º Sr. Dr. Joaquim Furtado Martins, estando presentes os Ex.ºs Vogais Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, Vice-presidente, Francisco José Monteiro Torres, vice-secretário, e José Gomes de Sousa. Por motivo justificado não compareceram os Ex.ºs Vogais João Francisco Rios Novais, Padre Domingos Rodrigues Duarte Pinheiro e José de Bessa e Menezes, secretario. Depois de dada a hora fixada para as sessões pelo Sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da lei. Seguidamente, perante todos li a minuta da acta da sessão anterior, que foi aprovada e vai ser assinada.

**EXPEDIENTE**

Foi presente, aprovado e resolvido que se arquivasse o balancete do cofre municipal relativo á semana que hoje finda. Foram aprovados os documentos de despesa n.ºs 947 a 967, no valor total de 34:612\$94.

**ALTERAÇÕES NO ORÇAMENTO**

Pelo sr. Presidente foi dito: Que atendendo a que foi concedido ulti-

Continua na 7.ª página

**Publicações recebidas**

*Hygia*—Revista Medico-Farmacéutica. Director: Barreto Faria.

Recebemos o n.º 5 desta bela revista, cujo sumario é o seguinte:

A Figueira da Foz na profilaxia da Tuberculose e na cura da Tuberculose cirurgica. Prof. Bissaya Barreto.

Noções recentes sobre a química das vitaminas—Dr. João Avellar Loureiro

Necessidades do exame Oto-Lingo-Laringológico da criança—Dr. António Meyrelles do Souto. Noticiario médico.

Este número é ilustrado com o retrato do insigne catedrático D. Tomaz de Melo Breyner, ha pouco falecido, prestando-lhe a «Hygia» sentida homenagem.

*Gil Vicente*—Revista Literaria de Cultura Nacionalista, filiada no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa.

Directores: D. José Ferrão e Manoel Alves de Oliveira. Guimarães—1933.

Este número correspondente aos meses de novembro e dezembro do ano findo, apresenta o sumario seguinte:

*Filippo Terzi na Batalha de Alcaicer-Kibir*—Guido Battelli; *Uma espadela no Costeado*—Alfredo Pimenta; *A Mulher*—Maria Augusta Nogueira; *O Outono*—Claudio e António Corrêa d'Oliveira Guimarães; *Impressões de uma espadelada minhota*—José Pequito Rebelo; *Sentenças*—Leão Martins.

*Velharias Vimaraneses (1833)*—Guimarães há 100 anos—João Lopes de Faria.

**Pensamentos, Palavras & Obras:**—

*«A quem pertence a Casa de Bragança?»*—Manoel Alves de Oliveira;—Dr. Joaquim de Almeida Braga—*«El doctor Sanchez da Gama, poeta português eminentemente nacional»* Mestre Malhóa—João Hipólito Raposo—*«Fernando Campos, geneologista do pensamento contra-revolucionario»*—*«Pedras para o Tempio»*—*«Agua de Neve—Altos estudos luso-franceses»*—*«A Revolução Nacional dos Trabalhadores.»*

**Dos Livros & dos Autores:**—*Ceus de Fogo, A Russia Bolchevista, O Missionario, O Ideal Legionario*, por Horácio de Castro Guimarães; *Maria Violante*, por Manuel Alves de Oliveira. *Indice do IX Volume.*

melhor nem peor antes pelo contrário o tem abandonado de baixo de qualquer ponto de vista, e assim abandonado, valendo-se do que pôde, no que tinha á mão, e mesmo do que os técnicos dêsse tempo aconselharam, ou fôsse o plantio de vários produtores directos, para evitar que lhe desaparecesse o seu vinho; e fê-lo na melhor das intenções e boa fé, porque nada absolutamente impedia que o fizesse. Por isso os lavradores produtores de vinho americano confiam na justiça e ponderado critério dos homens que empunham as rédeas da governamentação publica, e que justiça lhe será distribuída.

*—Todos querem que se ponha a casa em ordem, se intensifiquem as transações etc. Mas como ha-de conseguir-se o «milagre» com produtos que se não imponham pela sua qualidade?—*

*—E diz mais abaixo: alguns exportadores gananciosos desacreditam, etc. E ainda «O Poço do Bispo criou uma bodega conhecida já pela depreciativa designação de vinho para pretos etc.»*

Não é o vinho americano, que a terra portuguesa e o seu lindo sol criaram ante a sua luz benéfica, nem a seiva que subia pelos tubos capilares da sua parte lenhosa desde as raizes até aos pantanos, ás folhas e aos cachos, que contribuiu para o descrédito dos

Continua na 7.ª página

*contra organizado intervem sob duas formas etc...*

Achamos bem que o Estado intervenha, com justiça e rigor contra todas as fraudes e transgressões, cortando cerce os abusos de qualquer ordem, mas com justiça dizíamos acima; e não é justo que abruptamente se regulamente de forma que de um momento para o outro, se inutilize o trabalho de duas ou mais gerações e se atire para a montureira das inutilidades, um valor criado de vinte ou trinta mil contos, que nos últimos 20 ou 30 anos tem pago alguns milhões de escudos de tributos ao erário publico, por várias formas, tais como contribuição predial, rústica, transmissão por titulo gratuito ou

sucessorio titulo oneroso e acrescentando ainda a circunstancia de o seu rendimento ter contado para o efeito de partilhas amigaveis ou judiciais, de inventários orfanológicos, etc.

*«Em país algum civilizado se permite hoje que o productora faça o que muito bem lhe aprouver.»*

Concordamos em absoluto com essa doutrina, bem como com a do periodo seguinte quando diz: *A propriedade tem uma função social e o proprietario etc.* Mas não podemos esquecer que o proprietario cultivou o que pôde e o que soube, porque quem quer que seja que agora tente regulamentar, nunca lhe ensinou melhor nem peor, e tambem, não tem ajudado ou guiado

**PAGINA DO CONCELHO****Vila Frescainha (S. Martinho) 28**

Uma noticia correu rápida nesta freguesia e que deixou a todos numa grande anxiedade, foi que estava gravemente enfermo o nosso digno Paroço e que tinha de sujeitar-se a uma melindrosa operação.

Com êste fim seguiu para Braga, a internar-se na Casa de Saude Conde de Agrolongo, sendo imediatamente operado pelo distinto cirurgião Dr. José Graça.

Varias pessoas desta freguesia tem estado a fazer-lhe companhia e dão-nos boas noticias, fazendo esperar que fique curado se não vier alguma complicação.

Toda a freguesia reza e pede pela saude do seu querido Pároco

—Encontra-se doente quasi toda a familia do nosso querido amigo e industrial sr. José Daniel Bento Gomes.

—Não tem havido procura do vinho americano o que ocasiona grandes prejuízos á nossa lavoura; bom era que viesse autorisação para a livre venda.

—Continua a ser aquy muito lido o jornal «Noticias de Barcelos», o grande defensor da politica do Estado Novo.—C.

**Perelhal, 29**

Continua, em pleno exito e com grande animação, a missãõ religiosa iniciada nesta freguesia no dia 21 do corrente. A concorrência tem sido extraordinária, com o templo repleto, e ás vezes insufficiente para acolher a multidão de Fieis, desta freguesia e das circunvizinhas.

Ontem, domingo, foi a festa da comunhão solene das crianças. Êste acto, sempre comovedor, realizou-se com muita ordem e grande brilhantismo.

As conferências para homens, ás 7 da tarde, tem sido ouvidas por algumas centenas, assistindo todos com edificante compostura e vivo interesse.

O mesmo pode dizer-se das conferências particulares para as diversas categorias de Fieis:—Para jovens, para donzellas, para as mães cristãs e para as crianças da comunhão solene: Sempre auditórios muito numerosos, e em todos os ouvintes um communicativo entusiasmo e uma nunca desmentida atenção á palavra dos Missionários e á doutrina por eles evangelisada.

Às 5 horas da madrugada, apesar do frio e outras contrariedades provenientes da instabilidade do tempo, nesta quadra do ano, a igreja parochial está á cunha, para os actos da manhã; e á tarde, pelas 4 h. e meia renova-se o mesmo edificante espectáculo, para os actos proprios do fim do dia, os quaes terminam, depois das 6 horas, pelo exercicio da Via-Sacra.

Nos intervalos, o templo conserva-se sempre patente aos numerosos Fieis, que o procuram, já isoladamente, já em grupos (muito numerosos, por vezes) até ás 8 horas da noite. E na manhã seguinte, desde as 4 horas e meia, começam novamente atroando os ares, com os seus canticos religiosos, os grupos que enchem caminhos e atalhos, em direcção á igreja parochial, como arroios animados que se encaminhassem para um pequeno oceano.

As confissões tem sido numerosissimas; e a concorrência á mesa eucarística pode dizer-se que realiza uma peregrina comunhão geral, que se vai repetindo cada manhã.

Por tudo isto, pois, se antevê uma abundante colheita de frutos de bênção, desta missãõ religiosa, assim para esta freguesia, como para as confinantes.

No proximo Domingo, 4 de Fevereiro, deve chegar S. Ex.<sup>ia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Arcebispo Primaz, para presidir á conclusão da missãõ. Prepara-se-lhe uma recepção condigna.

Espera-se que o illustre Prelado também ministre o Santo Crisma.—C.

**PARA A LAVOURA****As classes trabalhadoras prejudicadas com a proibição do vinho americano?**

Mantida a legislação em vigor, tendente a proteger os vinhos verdes, contra a invasão da vinha americana, ameaçadora de toda a economia minhota e que necessariamente leva á ruina e á miséria a lavoura regional, pode supôr-se que, deste geito, para salvar os direitos, embora legítimos, dos vicultores, são prejudicados altamente os interesses das classes trabalhadoras, mais inclinadas para o vinho americano por se acomodar melhor ás magras bolsas dos operários! Vistas as coisas superficialmente, sem se entrar propriamente no âmago da questão, assim parece na realidade.

Pensando, porém, com atenção no que seja economia, e reflectindo um pouco na grande influência que as diversas classes tem umas nas outras, e na repercussão que esta verdadeira engrenagem tem na sociedade, somos forçados a reconhecer que, salvando-se a lavoura e vivendo desafogadamente a classe agrícola, conseqüentemente melhora tambem a sorte das classes mais humildes, dos pobres trabalhadores!

Os proprietários deste concelho, que na sua maior parte só tem vinhos americanos, hão-de concordar que elles vão sendo um mal para toda a região, que não pode vender os vinhos pelo seu justo valor, e dentro em pouco serão os próprios lavradores que lhes hão-de recolher as funestas conseqüências. Foi preciso que a lei viesse pôr um travão á plantaçãõ da vinha americana, protegendo o vinho regional, para que a lavoura, já agonizante, não ficasse sem a sua única fonte de receita.

Absogada ou posta de parte essa lei de protecção, teríamos, em pouco tempo, todo o Minho coberto de vinha americana, porque os concelhos que só cultivam as castas regionais, vendo que lá iam entrando todos os anos algumas centenas de americano, numa concorrência desleal e injusta com o vinho tinto, começariam por desprezar êste para como nós plantarem a videira americana.

E assim já o nosso vinho lá não podia entrar, e teríamos, com certeza, a mesma difficuldade que há com a sua proibição. Desta forma temos a crise da abundância, que de facto já existe nos vinhos em todo o país.

E' devido a esse grande erro económico, falta de proporção entre produçãõ e consumo, que qualquer genero ou artigo se vende a maior parte das vezes por preços que estão bem longe de compensar os trabalhos e despesas empregados.

E assim quanto maior for a diferença entre a produçãõ dos nossos vinhos e o seu consumo, tanto mais baixos serão os preços; e quem quizer vender hã-de forçosamente sujeitar-se a ridicularias que nada adiantam, chegando-se mesmo a ponto de não haver quem os compre por dinheiro algum.

Reparem nisto os nossos vicultores e vejam bem o caminho por onde querem seguir, e que afinal mais depressa os leva á miséria!

E que adiantam as classes pobres com o vinho barato, de graça até, se lhes falta o pão para os filhos, e não tem dinheiro para o comprar?! Dizem alguns que o operário, que ganha um salário pequeno, não pode comprar o vinho caro. E' uma verdade.

(Continua na 7.<sup>a</sup> página)**Encourados, 29**

Com uma gripe impertinente guarda o leito a sr.<sup>ia</sup> D. Julia da Silva Corréa Simões, da Casa da Portagem. A sua ex.<sup>ia</sup> desejamos rápidas melhoras.

—Foi, há dias, batisado nesta freguesia uma filhinha do sr. Joaquim Loureiro Fernandes e da sr.<sup>ia</sup> Emilia Maria Borges. O neófita recebeu o nome de Carminda, sendo padrinhos o sr. Joaquim de Jesus Fernandes, desta freguesia, e a sr.<sup>ia</sup> Maria Rosa Soares Gomes, da Pousa.

—Hontem, tendo por padrinhos o sr. Manuel Andreza Crujo e a sr.<sup>ia</sup> Maria da Costa Jacome, industriais desta freguesia, tambem recebeu o sacramento de baptismo uma filhinha do sr. Francisco Rodrigues Alves e da sr.<sup>ia</sup> Josefina da Costa Araujo.

—Com sua ex.<sup>ma</sup> familia retirou-se desta freguesia para a cidade invicta o sr. Paulino Rodrigues Lopes, proprietário e industrial. Apetecemos-lhes muitas felicidades.—C.

**Ucha, 29**

Promovido pelo Grupo Recreativo «Flor do Minho», de S. Romão da Ucha, realizou-se entre nós mais um espectáculo, que muito agradeceu.

Já tivemos occasião de felicitar êstes rapazes. Hoje o fazemos de novo, pois bem merece a nossa simpatia quantos, em vez de perder seu tempo em canceiras inúteis ou prejudiciais á saude, procuram instruir-se proporcionando, ao mesmo tempo, horas de viver alegre, des preocupado, ao bom povo d'aldeia.

Felicitemos, pois, os brilhantes amadores de S. Romão da Ucha.—C.

**Gual, 29**

Consoiciou-se nesta freguesia o assinante do «Noticias» sr. Abel Gonçalves Ferreira, com a sr.<sup>ia</sup> Marcelina de Miranda, sobrinha do Rev.<sup>o</sup> Abade sr. Augusto Miranda.

—Recebeu as águas lustrais do baptismo um filhinho do sr. Antonio Ferreira da Silva Furtado, que recebeu o nome de Joaquim. Foram padrinhos o sr. Joaquim Ferreira da Silva Furtado e a sr.<sup>ia</sup> Maria do Carmo da Silva Ferreira.

—Esteve uns dias nesta freguesia a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>ia</sup> D. Palmira Ferreira da Fonte, acompanhada de sua ex.<sup>ma</sup> filha sr.<sup>ia</sup> D. Palmira Candida Mendes de Carvalho.—C.

**Aldreu, 29**

Na qualidade de socio da Cooperativa Agricola de Lacticínios da Ribeira do Neiva, com sede nesta freguesia, fomos á assembleia geral que ontem se realizou para a nomeação de novos corpos gerentes. Concorrência numerosa. Cerca de cem socios alem de muitos curiosos. Na presidencia o sr. Bernardo Espregueira, secretariado pelos srs. P.<sup>o</sup> Joaquim Felix Machado e P.<sup>o</sup> Manuel Queiroz.

E' apresentado aos socios o parecer do Conselho Fiscal relativo á escripta da Direcção no ultimo ano—parecer muito honroso para ela.

São lidas cartas de socios que não puderam vir. Uma do sr. Arcipreste de Barcelos, grande apologista das Associações Agricolas, exprimindo o seu modo de pensar relativo a vários assuntos respeitantes á Cooperativa que mereceram inteira aprovação. Outra do

grande proprietário sr. Alfredo Pereira Lima, de Curvos, encarregando o sr. Antonio Queiroz de o representar.

O digno Presidente da Direcção, sr. Antonio Queiroz, faz o seu relatório oral. Palavras simples de congratulação pelos progressos da Cooperativa apesar de terem morrido, durante o ano 53 porcos. Palavras vivas de censura para alguns socios menos correctos e pouco conscienciosos. Segue-se a exposiçãõ do movimento da Cooperativa, feita pelo habil secretario sr. José Bernardino Gonçalves de Sá. Todos os socios ficam surpreendidos.

Não esperavam que em tão pouco tempo atingisse a expansãõ que se vê. Todo o seu leite é transformado em manteiga que, devido á sua fina qualidade, encontrou a melhor aceitação no mercado e é muito procurada. Colocaria o dobro, o triplo, se a tivesse.

O sr. José de Sá (Vieira) tem dado provas de muita competencia.

Fala agora o sr. Presidente da assembléa com a correção e serenidade que lhe é peculiar.

Congratula-se com o desenvolvimeto da Cooperativa. Louva a Direcção pelo zelo que tem posto na sua gerência. Acentua o valor e as difficuldades do trabalho realizado por ela e propõe á assembleia a reeleição da mesma Direcção que pede para ser substituída mas tal pedido não pode nem deve ser atendido.

Todos aprovam a palavra do sr. Presidente sendo a Direcção reeleita por aclamação. Perante a vontade dos socios, tão clara e insistentemente manifestada, ficam.

Ficam porque amam a Cooperativa. Ficam para que ela viva, triunfe e vença. E ha-de vencer.

São reeleitos pela mesma forma os corpos gerentes.

Segue-se uma visita dos socios ás instalações da Cooperativa. Acabara a faina do dia e já estava tudo devidamente arrumado e limpo. As serviçais de ponto em branco, vestem elegantissimas batas e recebem os socios sorrindo.

E' dia de festa, dizem.

E alguém que conhece a dedicação e a pericia destas raparigas, de cujas mãos sae—são clientes que o afirmam— a melhor manteiga do país, responde, agradecido: pois que seja de festa todos os anos, este dia, para nós e para vós, raparigas.

—Um grande desastre se deu pouco depois perto da farmacia do sr. Queiroz. Secundino Montenegro, bem conhecido rapaz desta freguesia, deu uma queda grave de bicicleta ficando muito mal tratado e com lesão cerebral. Foi immediatamente socorrido pelo distinto Farmaceutico e seu ajudante e ungição pelo Rev.<sup>o</sup> Pároco. Continua em estado de comatoso o que muito lamentamos.—C.

**Tamel S. Verissimo, 29**

E' com o coração cheio de esperanças em melhores dias para o mundo que nós saudamos o ano de 1934 desejando ver reinar sempre nele o Bem, a Beleza e o Bem.

Como correspondente do «Noticias de Barcelos» comprimentamos a sua Redacção e todos os colaboradores, pedindo-lhes que continuem sempre na mesma orientação, dando a conhecer ao povo do nosso grande concelho a boa doutrina do Estado Novo e os progressos da União Nacional.

—Está de novo entre nós acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, o nosso muito prezado amigo sr. Capitão Manuel Coelho Gonçalves, cavalheiro muito respeitado nesta freguesia.

—No dia 4 fez anos o nosso amigo muito querido, sr. José Henrique de Castro Lima, pessoa de bem e as-

—Com o nome de Ana Celesto bat-

## PARA A LAVOURA

Continuado da 6.ª pagina

Mas esses, que querem a todo o risco a felicidade dos pobres, que não podem beber se não vinho americano, procurem dar-lhes antes pão mais barato, retirando de seus campos as ramadas que estragam as terras e prejudicam bastante a produção cerealífera. Desprezando mais a cultura da vinha para tratar melhor do milho, trigo ou centeio, conseguirão pouco a pouco que as classes pobres tenham o pão por um preço mais acessível.

O que devemos procurar para o pobre é trabalho, pão e dinheiro. Está mal o operário? Procuremos que os patrões lhes paguem o justo salário, porque só este é que lhes pode melhorar a sorte e dar o sustento bastante para a família, como é de justiça.

De mais, nada interessa ao operariado que haja muito vinho, tinto ou americano, se a lavoura atravessa crise.

Que aproveita ao trabalhador se a classe agricola não tem dinheiro? Nada; antes, pelo contrario, as classes pobres tem todos os seus interesses ligados á situação económica da lavoura.

Vivendo sem dinheiro, e este falta sempre que os produtos agricolas se não pagam pelo seu justo valor, o lavrador em poucos anos deixará cair em ruínas a própria casa em que habita, não se reparam os telhados, não se concertam os soalhos, veste-se andrajosamente; e contudo, ainda que haja vinho barato, os carpinteiros continuam sem trabalho, os trolhas não tem onde ganhar a vida, os alfaiates sentem-se na miséria, e os pedreiros e outros artifices, não tendo com que sustentar a familia, batem de porta em porta á procura de esmolá!...

Desenganemo-nos o vinho americano não é o que faz a felicidade do pobre.

As classes trabalhadoras precisam de trabalho, e que, em compensação, lhes seja pago um salário justo. Por seu lado o lavrador, trabalhador dos nossos campos tem de viver do produto do seu trabalho.

E tendo os operários o justo salário, que lhes garanta o sustento da familia, não se recusarão a pagar os produtos agricolas pelo seu justo valor para que o lavrador, vivendo desafogadamente, possa de novo dar trabalho aos artifices e jornaleiros. Desta forma, estabelecido um verdadeiro equilibrio entre as diversas classes, ganhando o operário o que fôr de justiça e pagando-se os produtos agricolas por um preço compensador, todos poderão viver honrada e honestamente.

Não procuremos, pois, para as classes trabalhadoras vinho barato que afinal, na pratica lhes sai sempre caro, dêmos-lhes antes trabalho, pão e dinheiro para que eles possam pagar os géneros alimentícios e afim de que todos, operários e lavradores, pobres e ricos, vivam num ambiente de paz e amor.

E assim melhor estará o operário a pagar o vinho tinto mais caro, tendo o indispensavel para comprar o pão, do que com o vinho americano, mesmo de graça, se lhe falta com que se sustentar a si próprio, á esposa e filhos.

Não são portanto as classes pobres prejudicadas com a prohibição do vinho americano.

D. B.

ptisou-se uma filha do sr. Abilio Rodrigues Barbosa, desta freguesia.

Foram padrinhos o sr. José Gomes Pereira e Ana Gonçalves Pereira.

—Tambem no dia 4 se realizou na nossa Igreja o baptizado de Maria Amelia, filha do sr. Antonio do Vale e Maria Alves de Oliveira; foram padrinhos o sr. Antonio Alves de Oliveira e Maria Martis Vieira.

—O sr. Antonio Henrique de Castro Lima e sua esposa sr.ª Laura Gomes Lourenço, tiveram uma festa em sua casa, solenizando o baptizado de um filhinho a quem foi dado o nome de Henrique; foram padrinhos o sr. José Henrique de Castro Lima e a sr.ª Sára Gomes Lourenço.—C.

### Vila Gova 30

No próximo domingo temos a tradicional festa de S. Braz. A's nove horas e meia principia a missa solene, com sermão e, a seguir, procissão, se o tempo o permitir. Teremos musica durante todo o dia e, na vespera, até á hora regulamentar.

Mais de harmonia com as instruções da autoridade ecclesiastica e com a tradição, não se transferiu a festa para o verão. Faz se na ocasião própria. A comissão respectiva não se tem poupado a trabalhos e cuidados, para que a festa resulte brilhante.

—Encontra-se nesta freguesia o sr. Agostinho Oliveira.

—De passagem, tambem vimos aqui os srs. Ferreira Vale, Dr. Martinho de Faria, solicitador Manuel de Faria e Rev.ºs Reitores de Alvito (S. Pedro) e Campo.—C.

### QUEIJO DA SERRA

Vende a

Confeltaria D. Antonio Barroso

Largo da Camara (AO LADO DO MONUMENTO)

BARCELOS

tação e era o que lhe teria sucedido porque os então lesados, não se poupariam como estão fazendo os lesados de hoje.

E não julgue o ilustre articulista que os homens que pugnam pela permissoão da venda do vinho americano, não tem os olhos suficientemente abertos para verem os perigos a que alude; vêm e têm tido a lealdade de o fazerem sentir á comissão executiva da C. V. da R. V. V., esta é que parece, muito empenhada em se engolfar no *turbilhão do centro da tempestade* que tudo ameaça destruir, em pura perda para o todo o norte.

Pergunta o ilustre articulista a razão porque se plantou o produto directo?... Foi por ser mais refractário ás doenças que mataram as castas regionais.

Já ficou respondido que os lavradores cultivaram o que souberam e puderam, mas sempre legalmente porque nenhuma restrição se lhe opunha. Que de futuro se restrinja e se regule o plantio da vinha, indicando as directrizes que se julgar convenientes e ensinando-se o que houver mister; mas respeitando o existente porque tem jus a esse respeito.

O decreto é de 22 de Março de 1923, por isso não tem seis anos. Pergunta o autor do artigo ao qual vimos respondendo, se uma parte da lavoura não está satisfeita com as atitudes da Comissão de Viticultura? Evidentemente não está; e com muita razão. Pois há por ventura maior incoerência que a de cobrar a taxa do manifesto de venda do vinho americano para em seguida pedir que se não permita a sua venda?

Reconhece-se-lhe a identidade de vinho para como tal se lhe exigiu um imposto, e negar-se-lhe essa identidade para se poder vender?! E' por ventura correcto o procedimento de quem quer que seja, recebendo de alguém certa importância e a emprega na compra de pólvora para a queimar?! Muitas mais observações poderíamos fazer mas reputamo-las desnecessárias.

Como se vê, não ficam sem resposta as perguntas feitas e inclusivamente, damos o nosso apoio á opinião do ilustre articulista julgando, como Sua Ex.ª, que a organização da lavoura é uma necessidade fazer-se, e bem, mas com autênticos lavradores que algo conhecem da vida prática da lavoura, e consequentemente das suas necessidades reais, e não sejam apenas teóricos em matéria agricola e muito práticos em misteres cujos interesses são em regra antagonísticos com os interesses da verdadeira lavoura.

Os lavradores de vinho americano convictos da razão que lhes assiste quando pedem que só lhe mantenha a liberdade de vender aquele seu producto, que razões de ordem vária recomendam, não desistem de levar até ao fim os seus clamores em prol dos seus legitimos direitos.

José Marques dos Santos  
(Lavrador de Gondomar)

## MANTEIGA

— DA —

COOPERATIVA A. DE LATICINIOS DA RIBEIRA DO NEIVA

A MANTEIGA reconhecida em toda a parte, como sendo a melhor e mais pura, pois não altera a sua fina qualidade.

Continuam sendo seus depositarios nesta cidade:

Tomaz José d'Araujo & C.ª, Sucrs.

Venda directa ao publico.

Desconto aos revendedores.

Preços sem competência

### José Perestrelo

Largo José Novais BARCELOS

Automoveis de aluguer

Oleos e gasolinas

## Camara Municipal

Continuado da 5.ª pagina

mamente á Câmara um subsidio para obra na Rua de Candido da Cunha, tornando-se indispensavel inclui-la no orçamento e atendendo ainda á necessidade de transferencia de várias verbas do orçamento, propunha: «Que seja criada uma alinea terceira do art.º 25 do Capitulo Receita Extraordinária, dotada com a verba de 32:082\$02; Que sejam aumentadas as seguintes verbas da despesa: a da alinea 9 do art.º 41 em 32:082\$02; a da alinea 1 do art.º 7.º em 5:000\$00; a da alinea 1 do art.º 27 em 1:000\$00; e a da alinea 2 do art.º 28 em 1:500\$00; a da alinea 1 do art.º 41 em 5:000\$; a da alinea 10 do artigo 41 em 5:000\$; a da alinea 11 do art.º 41 em 5000\$; a da alinea 7 do art.º 43 em 600\$00; a do art.º 47 em 500\$00; a da alinea 2 do art.º 49 em 3:000\$00; e a da alinea 1 do art.º 64 em 100\$00. Mais foi resolvido criar uma alinea 2.ª ao artigo 53 subordinada á rubrica. Renda do terreno do Horto Municipal, dotado com a verba de 550\$00. Finalmente foi resolvido, ainda por proposta do sr. Presidente, que fossem diminuidas as seguintes verbas de despesa: a da alinea 2 do art.º 10 em 500\$00; a da alinea 14 do art.º 12 em 1:500\$00; a da alinea 1 do art.º 22 em 1:000\$00; a da alinea 3 do art.º 41 em 2:000\$00; a da alinea 2 do art.º 42 em 6:000\$00; a da alinea 3 do art.º 43 em 1:500\$00; a da alinea 6 do art.º 43 em 1:000\$00; a da alinea 1 do art.º 69 em 2:000\$00; a da alinea 2 do art.º 69 em 1:000\$00; a da alinea 6 do art.º 76 em 9:750\$00.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, sendo resolvido que estas alterações ao orçamento ordinário, extraídas por certidão desta acta, sejam juntas ao orçamento e registadas no livro da despesa da Secretaria.

### LICENÇAS DE COMERCIO E INDUSTRIA

Foi resolvido que a Câmara lançasse as seguintes percentagens sobre a contribuição industrial, para fixação da taxa das licenças para exercicio do comercio e industria no proximo ano de 1934:

Grupo A—Para qualquer importancia da contribuição industrial, 10%.

Grupo B—Colectas liquidadas pela taxa 1,17%.

Para qualquer importancia da contribuição industrial 10%.

Colecta liquidada pela taxa 3,5%.

Para qualquer importancia da contribuição industrial, 5%.

Grupo C—Para importancias da contribuição industrial não excedente 500\$00 13%.

(Com o limite maximo de 60\$00)

Para importancias de contribuição industrial superiores a 500\$00 e não excedentes a 1:000\$00 12%.

(Com o limite maximo de 110\$00)

Para importancias da contribuição industrial superior a 1:000\$00 e não excedentes a 2:000\$00 11%.

(Com o limite maximo de 200\$00)

Para importancias da contribuição industrial superiores a 2:000\$00 10%.

### BENEMERITO PAULO FELISBERTO PEIXOTO DA FONSECA

O sr. Presidente propôs e foi aprovado por unanimidade que a Câmara enviase um telegrama de Boas-Festas ao grande benemérito deste concelho Ex.º Sr. Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca residente no Rio de Janeiro.

### LICENÇAS DE COMERCIO E INDUSTRIA

O sr. Presidente, antes de apresentar a nota das percentagens a aplicar sobre a contribuição industrial, já mencionada nesta acta, disse: Que a fixação das referidas percentagens não foi feita arbitrariamente, pois consultou e apreciou devidamente as percentagens aprovadas pelas Câmaras

## RECITA DE ESTUDANTES No Teatro Gil Vicente

Como noticiamos realiso-se no sabado passado a recita de gala, promovida pela Tuna Academica do «Liceu Sá de Miranda», de Braga.

Dignos dos nossos aplausos são os simpaticos academicos pela forma correcta como se portaram na sua visita a esta cidade, aliando á alegria efusiva da gente moça o porte distinto da boa educação.

Sem os alaridos estupidos e as sênas degradantes improprias de gente que estuda, os academicos bracarenses souberam impor-se pela sua atitude e compostura que muito e muito souberam honrar o estabelecimento de ensino a que pertencem.

Aos distintos academicos, ao corpo docente do Licen Sá de Miranda e particularmente ao seu digno e illustre Reitor sr. Dr. Francisco Prieto, as nossas felicitações.

No «Teatro Gil Vicente» foi dado aos barcelenses assistir a uma festa verdadeiramente encantadora.

A distinta e gentil academica, nossa patricia, sr.ª D. Maria Laura Fernandes Tomaz Araujo, num discurso brilhante, repassado de acendrado bairrismo, fez a apresentação da Tuna Academica.

Com a sua palavra clara e facil, revelando belos dotes de oradora, arrancou á assistencia prolongados e fartos aplausos.

Seja-nos licito destacar a tambem nossa patricia sr.ª D. Maria Madalena Felgueiras Gajo (Fervença), pela forma como se desempenhou do seu difficil papel, dando-nos a impressão de uma verdadeira artista.

Esta distinta academica foi muito merecidamente ovacionada pela assistencia.

Tambem digno de destaque é o estudante sr. Luciano Areias que muito bem desempenhou o papel de criado na comedia *Cada Doido*...

Emfim, tudo muito bem.

da Pova de Varzim, Vila do Conde, de Braga, e de Vila Nova de Famalicão. Que as percentagens adoptadas em Barcelos ficam sendo inferiores aquelas que cobram as referidas Camaras, que, com excepção da de Braga, cobram o maximo que lhes permite a Lei n.º 1.453.

### CANTONEIRO DA ESTRADA DE CHORENTE

Pelo Sr. Presidente foi dito: Que tendo por deliberação em sessão ordinaria de 9 do corrente mes, sido dispensado o cantoneiro Miguel Gomes dos Santos, que prestava serviço na estrada de Chorenente, propunha que, em sua substituição, seja nomeado Joaquim Gomes de Faria, da mesma freguesia. Esta proposta foi aprovada por unanimidade, devendo o nomeado começar a prestar serviços no dia 1 do proximo mes de Janeiro, o que lhe deverá ser comunicado, bem como ainda officiar-se ao sr. Regedor para intimar o cantoneiro dispensado a fazer a entrega de todas as ferramentas da Camara que tenha em seu poder.

### CLASSIFICAÇÃO DAS ESTRADAS NACIONAIS

Pelo sr. Presidente foi dito: Que tendo, por Decreto n.º 23.239 de 20 de Novembro ultimo, que veio remodelar a classificação das Estradas Nacionais, feito passar para a Camara das Estradas Nacionais: «De Serviço de Martim (E. N. n.º 4-1ª) á Cachadinha;» De ligação do Apadeiro da Silva com a E. N. n.º 8-2ª (lugar da Lagoa); e Ramal da E. N. n.º 8-2ª para a Estação de Barcelos; Que não tendo esse Decreto atendido as justas exposições que alguns anos vem sendo feitas ao Estado sobre a classifica-

ção como Nacionais de algumas estradas municipais, foi resolvido inteirar-se do officio em que foi comunicada essa mudança e instar, representando superiormente, sobre a remodelação a fazer naquela classificação. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

### DISPENSARIO ANTI-TUBERCULOSO

Foi resolvido fazer a escritura de cedencia do terreno para a construção do Dispensario Anti-Tuberculoso, ficando o Sr. Presidente encarregado de nela outorgar em nome da Camara.

### FONTE DO POMBAL EM CAMBEZES

Foram presentes e aprovadas as condições que devem constar da escritura de transação feita entre a Camara e Maria Ferreira Barbosa, relativamente á Fonte do Pombal, ficando o Sr. Presidente encarregado de nela outorgar em nome da Camara.

### ESCOLA DE MANHENTE

Tendo a Camara conhecimento, segundo comunicação do Sr. Inspector Escolar, que a Escola de Manhente ameaça ruina, foi resolvido que a Repartição Tecnica lhe faça uma vistoria.

### AUTO DE VISTORIA

Foi presente o auto de vistoria feito pelo Sr. Engenheiro Chefe da Repartição Tecnica ao predio sito na Rua do Visconde de S. Januario, pertencente ao Sr. Augusto Bandeira. Aprovado.

### FREGUESIAS DE AREIAS DE VILAR E DA POUZA

Foi presente certidão da acta das Juntas de Freguesia de Areias de Vilar e da Pouza, lavrada na sessão conjunta que tiveram para delimitação das mesmas freguesias. Foi resolvido aprovar e arquivar na Repartição Tecnica o parecer constante da referida certidão.

### POSTO DE ENSINO EM MIDÕES

Atendendo a que não existe escola oficial na freguesia de Midões nem nas circunvisinhas, foi resolvido que, de harmonia com o § 1.º do art.º 1º do Decreto n.º 20.604, seja pedida superiormente a criação de um posto de ensino naquela freguesia responsabilizando-se a Camara pelos encargos de instalação, mobiliario e iluminação, conforme preceitua o art.º 5.º do mesmo Decreto. Mais foi resolvido propôr para a regencia deste posto de ensino José David de Azevedo Araujo, daquela freguesia, visto possuir para tanto as necessarias habilitações.

### OFICIOS

Da professora da Escola de Vila Cova, pedindo que a Camara forneça a luz necessaria para o curso nocturno. Ao sr. Vereador do Pelouro.

Da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, officio já presente em sessão de 25 de Novembro. Aprovado o parecer do Sr. Vereador do Pelouro, que deverá ser comunicado á Direcção dos Caminhos de Ferro Portugueses, e que é do teor seguinte: «Neste concelho é exercida com equidade a fiscalisação das caminhetas e de qualquer outro meio de transporte. Alem da permanente fiscalisação (de dia e de noite) feita nas barracas, a mesma é exercida por varios empregados dentro da Cidade, o que evita todas as tentativas de evasão dos impostos. No entanto, sou de parecer que se chame a atenção dos empregados dos impostos acerca desta reclamação. a) Francisco Torres».

### REQUERIMENTOS

De Belmiro Augusto de Miranda, desta cidade, pedindo licença para

## FABRICA DA GRANJA

DE  
FRANCISCO TORRES  
BARCELOS

Executa com a maior perfeição todo o serviço referente a mobiliario e a construção. Tem sempre em deposito madeiras nacionais e estrangeiras, soalhos, vigamentos etc.

## EDITAL

Alcides Gomes Ribeiro, tesoureiro judicial da comarca de Barcelos, e liquidatario da «Casa do Povo», desta cidade:

Faz saber, que no dia 4 de Fevereiro proximo, pelas 14 horas se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, dos bens mobiliarios pertencentes á «CASA DO POVO», com séde na casa sita na Rua D. Antonio Barroso, com o n.º de policia n.º 102-2.º e que foram arrolados por virtude do disposto no art. 21 do Decreto n.º 23.050, e serão entregues a quem maior lance oferecer, ficando por conta do arrematante as despesas da Praça.

E para os devidos efeitos ficam citados por este meio, todos ou quaisquer interessados ou credores incertos daquela casa, para deduzirem os seus direitos sob pena de revelia.

Barcelos, 31 de Janeiro de 1934.

## Propriedade

Vende-se, na Esparrinha—Arcoselo. É composta de boa casa torre, tanto para negocio como habitação, terreno lavradio cercado de ramadas de ferro e árvores de fruta.

Para vêr e tratar com Tomaz Pereira Barroncas, no mesmo predio.

## Vende-se

A casa onde está o escritório do Ex.º Sr. Conselheiro Sá Carneiro. Tratar com o Solicitador sr. Manuel de Faria.

construir um armazem e, sobre este um quarto no predio que possui na Avenida Alcides de Faria. Deferido sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações da Comissão de Estetica e da Repartição Tecnica.

De José Pereira Duarte, da freguesia do Couto, pedindo que seja ordenado para os seus predios, pelos caminhos que foram abusivamente tapados por Manuel Braga do Lugar das Lapas, freguesia do Couto. A Repartição Tecnica para intimar o requerido a desobstruir as entradas que tapou, de harmonia com as informações da Junta de Freguesia e da Repartição Tecnica.

Nada mais havendo a tratar pelo sr. Presidente foi declarada encerrada a sessão em nome da lei.

## Venda de propriedades

Colegio das Necessidades—ótimo edificio para grande familia, colegio ou industria. «Quinta das Telheiras», aproximadamente com 47 mil metros quadrados, com casa para caseiro, lavradio e mato, toda morada e com ramadas de vinho em toda a volta. «Campo das Fontes»—grande campo com bouça e pinheiros. «Campo da Vessada»—uma grande propriedade, morada, cita no lugar do Terreiro, casas pequenas de habitação, com ramadas e engenho de rega.

Facilita-se o pagamento.

Todos estes predios podem ser vistos das 12 ás 16 horas. Tratar com Abilio Dias Costa, no mesmo predio do Colegio

## Garratas vasias

Para engarratar vinho, compra Domingos Ferreira Vale.

## Mote Indian

Vende-se em bom estado e em bom preço.

Nesta redacção se informa.

**6.600\$00**

Precisam-se a juros. Dá-se 1.ª hipoteca. Falar nesta redacção.

## CASA DO CONSTANTINO

Estabelecimento de vinhos  
—: e comidas :—

**LARGO JOSE NOVAIS**

Visitem esta nova casa. Nela se encontram sempre os melhores vinhos, a preço sempre de combate. Comidas feitas com o maior esmero e a preços convidativos.

## Advogado

**António Pedrosa Pires de Lima**

Largo de S. José, n.º 53  
Consultas das 4 ás 6

## EUROPÉA

COMPANHIA DE SEGUROS  
Sede-Rua Nova do Almada, 64-1.ª

LISBOA

Seguros contra incendios  
» responsabilidades de civil  
» accidentes de trabalho  
» accidentes individuais



CONSULTEM A NOSSA TARIFA DE PREMIOS  
Agente em Barcelos  
Alcides Ribeiro